



# Necrópole Romana da Bóca (Canelas, Arouca). Primeiros elementos arqueológicos

António Manuel S. P. Silva\*, Paulo André P. Lemos\*\*, João Manuel F. Abreu\*\*\* e  
Manuela C. S. Ribeiro\*\*\*\*

## Palavras-chave

Arouca; Necrópole romana; Séculos IV-V

## Keywords

Arouca (North Portugal); Roman necropolis; 4<sup>th</sup>/5<sup>th</sup> centuries AD

## Resumo

*Noticia-se a descoberta acidental, em 2005, de uma nova necrópole tardo-romana, na freguesia de Canelas, concelho de Arouca. O achado da primeira sepultura deu-se durante a abertura de uma vala para instalação de um tubo de águas e originou uma intervenção arqueológica de emergência realizada pelos signatários, do que resultou a identificação de uma sepultura de incineração secundária, em covacho, cujo espólio era constituído por sete peças cerâmicas e um recipiente em vidro. Uma segunda sepultura, detectada posteriormente em fase de acompanhamento de obra, foi preservada sem que se procedesse à sua escavação. A análise do espólio da sepultura estudada sugere que o contexto datará de finais do século IV/inícios do século V da nossa era.*

## Abstract

*The article presents the fortuitous discovery, in 2005, of a new Roman necropolis, found at Canelas, in Arouca, a municipality of North Portugal.*

*The first grave appeared during the digging of a ditch for a water main in a meadow where any archaeological remains were previously recorded. An emergency excavation led to the identification of a cremation burial deposited in a pit along with seven pottery vessels and a glass cup. A second burial pit was discovered later in the same ditch, but it was preserved without excavation. Grave finds' analysis suggest the burial may be dated from the end of 4<sup>th</sup> century to the beginnings of the 5<sup>th</sup> century AD.*

\* Centro de Arqueologia de Arouca (c.arqueo.arouca@gmail.com);

\*\* Idem;

\*\*\* Idem;

\*\*\*\* Idem.

## 1. Introdução

O achado que levou à descoberta do cemitério aqui noticiado deu-se em Março de 2005, quando trabalhadores que abriam uma vala para instalação de um tubo de águas num terreno agrícola no sítio da “Bóca do Munhinho”, próximo do Lugar de Cima (freguesia de Canelas, concelho de Arouca)<sup>1</sup>, encontraram fragmentos de louça com aspeto antigo. A imprevisível descoberta chegou ao conhecimento de Manuel Valério Figueiredo, sócio e dirigente do Centro de Arqueologia de Arouca, que de pronto recolheu o espólio encontrado, solicitou a interrupção dos trabalhos e alertou aquela associação, que fez deslocar ao local alguns arqueólogos para a avaliação do achado, confirmando-se de imediato o interesse arqueológico e a tipologia dos vestígios identificados.

A leira de cultivo onde se procedia aos trabalhos de instalação da tubagem, obra da responsabilidade da Junta de Freguesia de Canelas, situa-se junto a um caminho antigo e numa área talhada em socacos sobre uma linha de água, em terrenos de xisto e argilas. Aí estava em escavação uma vala, de orientação Noroeste-Sudeste, com cerca de 0,50 metros de largura e uma profundidade variável entre os 0,40 e os 0,60 metros, atingindo já na altura aproximadamente 15 metros de extensão. A abertura da vala, felizmente manual (de outra forma talvez se não tivesse detetado a sepultura), era realizada por dois trabalhadores.

Da avaliação feita naquele momento, concluiu-se rapidamente que o achado arqueológico parecia circunscrever-se a um ponto preciso, não se observando em toda a extensão da vala quaisquer indícios de materiais arqueológicos ou outras sepulturas. Nesse ponto era ainda visível, no corte Nordeste da vala, uma peça cerâmica *in situ*, fracturada, que parecia corresponder a um recipiente fechado. Não eram perceptíveis quaisquer restos ósseos,

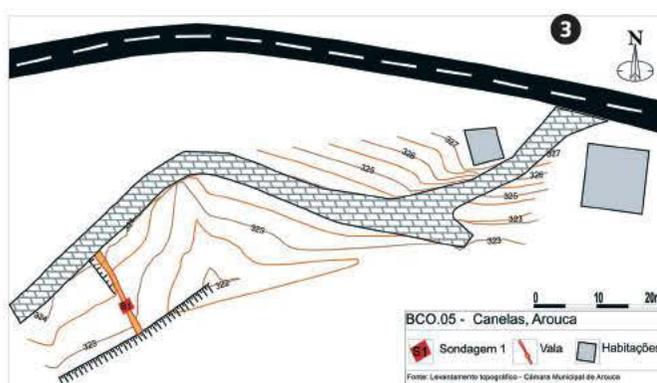
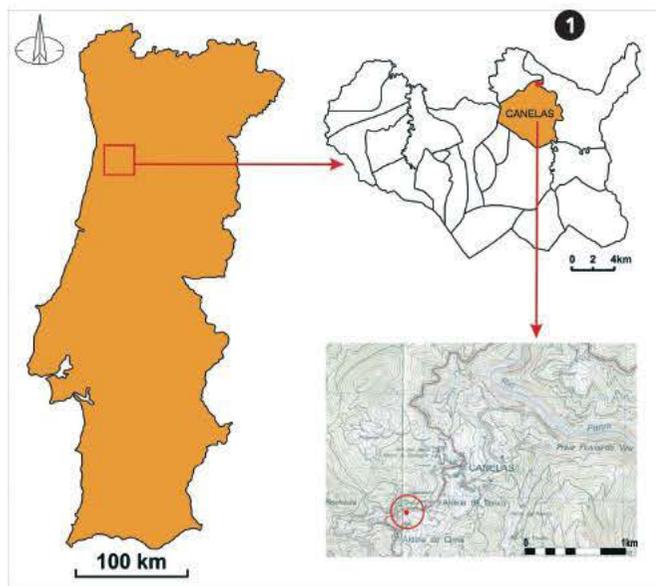


Figura 1. Localização do achado no concelho de Arouca, freguesia de Canelas, e na Carta Militar de Portugal nº 145.

Figura 2. Implantação do achado em fotografia aérea.

Figura 3. Implantação do achado em planta topográfica.

<sup>1</sup> Mais especificamente na leira designada como Horta de Além, propriedade da Senhora Dra. Olívia Valério Soares de Figueiredo, com residência em Canelas, Arouca. As coordenadas geográficas da sepultura são 40°58'8.20" N. e 8°12'25.19" O. (WGS84).



Figura 4. Perspetiva do local, vendo-se a vala de obra e a sondagem realizada.

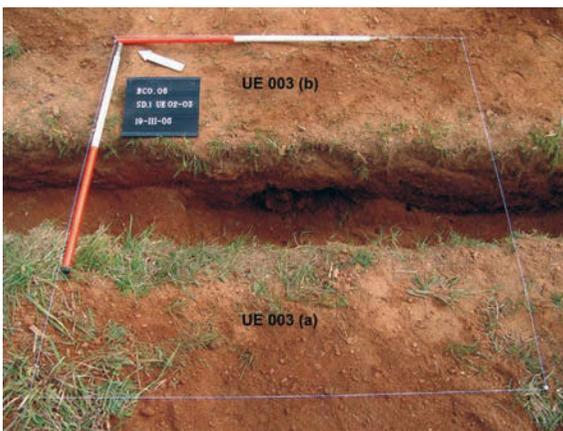


Figura 5. Vista da área de sondagem no início da escavação, observando-se a sepultura nas condições em que foi encontrada pelos autores.

o que, aliado à tipologia do contexto, permitiu interpretar o achado como uma sepultura romana de incineração, em covacho simples. As terras resultantes da escavação da vala achavam-se depositadas de um e outro lado da mesma vala, podendo ainda identificar-se, na área do achado, um ou outro fragmento cerâmico.

Perante esta situação, tornou-se claro que se tornava indispensável proceder de imediato a uma escavação de emergência para levantamento da peça que se encontrava exposta, bem como à crivagem das terras adjacentes para recolha de materiais dispersos, tanto mais que vários

populares começaram a acorrer ao local. Contactada a entidade oficial de tutela e obtida autorização dos proprietários dos terrenos (a vala implantou-se na linha divisória de duas propriedades), de pronto se iniciaram os trabalhos arqueológicos, que tiveram lugar entre 19 de Março e 18 de Abril de 2005, incluindo-se neste trabalho o acompanhamento da conclusão da escavação da vala de obra, para prevenir a eventual afetação de outras sepulturas, como aliás viria a suceder.

## 2. A intervenção arqueológica

Iniciada formalmente a intervenção arqueológica (Silva *et al.* 2010), a ação mais imediata foi a crivagem das terras soltas no fundo e de ambos os lados da vala na área mais próxima do achado, para a recolha do espólio afetado pela escavação da mesma vala. Ao mesmo tempo, foi implantada uma sondagem de escavação, com 1,5 x 1,5 metros, para o devido enquadramento estratigráfico do achado. Os trabalhos arqueológicos visaram, primeiramente, a conclusão da escavação da base do covacho funerário até ao solo natural, para recolha de material disperso que pudesse ainda existir, uma vez que a abertura da vala de obra tinha perturbado a quase totalidade do espaço funerário.

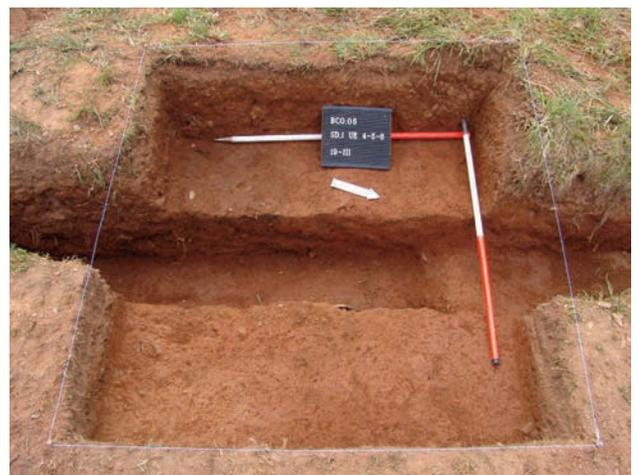


Figura 6. Perspetiva da sondagem à cota em que foi detectado o enchimento do covacho sepulcral.

A sondagem executada permitiu identificar onze unidades estratigráficas, verificando-se que o terreno apresentava uma potência estratigráfica na ordem dos 70 cm, tendo-se atingido o solo geológico natural na totalidade da mesma (Fig. 8). Pôde, assim, caracterizar-se a sequência deposicional e detetar ainda alguns vestígios do contorno do covacho original, não obstante a natureza argilosa dos terrenos e a perturbação causada pela abertura da vala de obra tenham dificultado bastante a interpretação do contexto estratigráfico.

A escavação identificou uma sequência de depósitos iniciada por diversos níveis vegetais, de terras castanhas algo alaranjadas, relativamente homogêneas e com escasso espólio cerâmico, aliás provavelmente intrusivo, resultando por certo das perturbações decorrentes da abertura da vala (Fig. 5). Após a escavação destas camadas vegetais, detetaram-se duas valas: a vala [008], preenchida por restos do depósito [006] na sua quase totalidade removido pela escavação da vala de obra, que correspondia à sepultura original, que designada como Sepultura 1; e a vala [007], preenchida pelo depósito [005], que se estendia para além dos limites da sondagem.

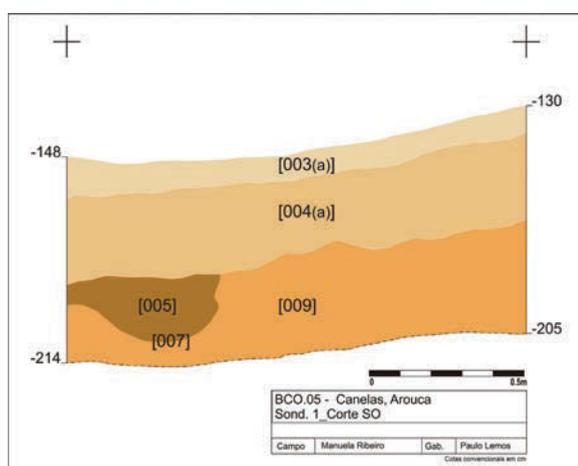


Figura 7. Corte estratigráfico Sudoeste da Sondagem.

O enchimento da vala [007], situada no ângulo Sudoeste da sondagem, se bem que estéril de espólio arqueológico, apresentava alguns carvões e uma concentração de cinzas com cerca de 22 cm de espessura (Figs. 6 e 7). É possível que esta vala resultasse apenas de uma perturbação (plantio de árvore?) relativamente antiga, mas também não podemos descartar a hipótese de tratar-se de um outro covacho funerário, a cota algo superior, que tivesse seccionado a vala da Sepultura 1, o que não pôde confirmar-se, uma vez que exigiria o alargamento da sondagem, cenário que não estava no propósito ou possibilidades da intervenção.

Definido mais claramente o covacho sepulcral [008], percebeu-se, apesar da afetação negativa da vala de obra, que se tratava de um interface vertical de contorno entre o subcircular e o subretangular, com cerca de 86 por 72 cm, não sendo possível determinar a profundidade original (Figs. 8 a 10). O seu enchimento, aferido apenas na base da sepultura, uma vez que a generalidade do depósito foi removido pela escavação anterior da vala de obra, que igualmente fragmentou e dispersou parte substancial do mobiliário funerário, era constituído por terras de tonalidade alaranjada, relativamente compactas, apresentando pequenas e esparsas manchas mais acinzentadas e um pouco mais soltas, sendo também muito argilosas, de grão fino e médio, com inclusão de ocasionais carvões e pequenas pedras de xisto, revelando espólio cerâmico e fragmentos de vidro. Na sua base encontraram-se ainda restos de três peças cerâmicas *in situ*, se bem que fraturadas (Fig. 9). Não foram detectados quaisquer restos ósseos, que podem não ter sido conservados devido à acidez e humidade do solo, que igualmente afetou significativamente as peças cerâmicas<sup>2</sup>.

É possível, por analogia com a Sepultura 2, que viria a ser detetada no acompanhamento de obra, que o covacho fosse total ou parcialmente coberto por lajes de xisto colocadas na horizontal,

<sup>2</sup> Com efeito, de um ritual de cremação de um cadáver em pira resultam sempre alguns restos ósseos, ainda que reduzidos a esquirolas, que normalmente são depositadas na sepultura juntamente com as cinzas.

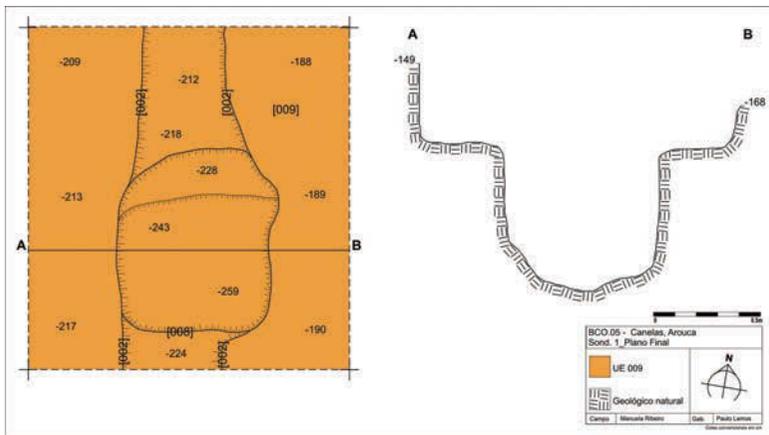


Figura 8. Plano final da sondagem, ao nível do solo natural, e secção aprox. Este/Oeste do covacho funerário.



Figura 9. Plano da UE 006, restos do enchimento do covacho.



Figura 10. Perspetiva do solo geológico natural (UE 009) e do contorno do covacho correspondente à Sepultura 1.

tendo-se mesmo encontrado uma laje com características adequadas junto à vala de obra e nas imediações da Sepultura 1, se bem que os operários que abriram a vala não se recordassem da sua proveniência.

Desta forma, podemos definir o contexto funerário escavado como uma deposição secundária em covacho, resultante de um ritual de incineração feito num *ustrinum* cuja localização se desconhece, tendo depois as cinzas e restos ósseos resultantes da cremação sido depositados na sepultura (Abreu 2002:47-54). Esta tipologia sepulcral é muito comum no território português, não se distinguindo notoriamente a Sepultura 1 da Bóca das de muitas outras necrópoles romanas conhecidas. Como especificidade regional, devemos sublinhar a aparente utilização

de lajes de xisto para cobertura (ou sinalização externa?) do covacho, material utilizado em outras necrópoles próximas, como a de Alvariza, em Espiunca (Arouca) ou Valbeirô, em Castelo de Paiva, para formar a própria caixa sepulcral das sepulturas (Abreu 2002:55-60; Silva; Ribeiro 2002; Dias 1994)<sup>3</sup>.

### 3. Acompanhamento arqueológico de obra

As ações de caracterização prévia do achado e posterior escavação dos contextos afetados pela obra responderam à necessidade imediata de salvaguarda dos vestígios arqueológicos. Todavia, uma vez que os trabalhos de instalação do tubo haviam sido temporariamente interrompidos,

<sup>3</sup> A intervenção arqueológica foi executada pelos subscritores com a colaboração de Elisa Manuela Moreira Pinho e Manuel Valério Figueiredo, do Centro de Arqueologia de Arouca. O levantamento topográfico da sepultura e envolvente foi realizado pelos serviços de topografia da Câmara Municipal de Arouca, colaboração que se agradece.

importava garantir que a sua conclusão não colocasse em risco outros elementos que pudessem subsistir no local, pelo que foi realizado o acompanhamento da restante escavação da vala e implantação do tubo, procedendo-se igualmente à crivagem de todas as terras resultantes daquela operação.

Posta em prática esta metodologia, verificou-se poucos dias depois (sem que nada o fizesse prever, uma vez que as paredes da vala de obra haviam sido cuidadosamente inspecionadas sem que se detetasse qualquer outra estrutura arqueológica ou objeto antigo disperso) que um pequeno rebaixamento efetuado para ajustar a pendente da canalização resultou na identificação de uma outra sepultura, que designámos como n.º 2. Esta segunda incineração localizava-se sensivelmente a dois metros para Sudeste da Sepultura 1 e era parcialmente visível no talude voltado a Sudoeste da vala, a cerca de 80 cm. da superfície. Apresentava-se aparentemente já um pouco truncada em resultado de perturbações antigas, observando-se, fragmentadas pela pressão do terreno mas ainda *in situ*, cinco ou seis peças do mobiliário funerário, bem como uma laje de xisto disposta horizontalmente, que aparentemente cobria o covacho funerário (Fig. 11).



**Figura 11.** Pormenor da Sepultura 2, parcialmente visível no corte da vala realizado para a instalação do tubo, no seu lado SO.

Face às condições em que decorreu a intervenção e uma vez que esta segunda sepultura não colidia com a implantação do tubo e conclusão da obra, considerou-se desnecessário proceder à sua escavação naquele momento. Assim, optou-se pela simples selagem do contexto, para o que se utilizou manta geotêxtil e uma placa de ardósia como elemento rígido de proteção, escorando-se estes materiais para suportar a pressão do aterro, que foi feito manualmente, após colocação do tubo, com recurso a terras previamente crivadas e sem elementos pétreos (Fig. 12).

Por último, procedeu-se à crivagem sistemática das restantes terras resultantes da escavação da vala, ação efetuada com apoio de pessoal da Junta de Freguesia de Canelas<sup>4</sup>, do que não resultou a identificação de qualquer outro espólio arqueológico.

#### 4. Espólio arqueológico

O espólio proveniente da escavação e crivagem das terras, bem como o recolhido por M. V. Figueiredo, totalizou 412 objetos (Tabela 1), correspondendo 84,7 % a louça de uso doméstico, equivalendo os restantes 15,3 % a espólio não cerâmico, repartidos entre vidro, osso, líticos e metal.



**Figura 12.** Trabalhos de selagem da Sepultura 2, através da colocação de manta geotêxtil e uma placa de ardósia.

<sup>4</sup> Cujo apoio se agradece, bem como a disponibilidade manifestada para a pronta interrupção dos trabalhos e a colaboração prestada a toda a intervenção.

Com exceção de dois fragmentos de faiança dos séculos XVIII-XIX, recolhidos na UE 003, toda a cerâmica é antiga e relaciona-se com o espólio do contexto funerário, o mesmo sucedendo com os fragmentos de uma peça em vidro, contando-se apenas um vidro moderno, na UE 001. São também modernos os metais recolhidos à superfície e o prego em ferro proveniente da UE 006, resultante por certo de qualquer intrusão pós-deposicional. Um fragmento de osso superficial e diversos seixos e fragmentos de pedra recolhidos em diversas unidades não apresentam também qualquer interesse arqueológico.

As cerâmicas exumadas na intervenção encontravam-se grandemente fragilizadas, fragmentadas e com as superfícies deterioradas, em resultado da natureza do contexto geológico dos terrenos onde se situa a necrópole, muito húmidos e argilosos. Consequentemente, optou-se por solicitar a colaboração de técnicos do Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa (MDDS, Braga)<sup>5</sup> para a consolidação e

limpeza das cerâmicas recolhidas na intervenção, determinando-se posteriormente a sua colagem, restauro e desenho, uma vez que se identificaram as formas completas da totalidade das peças.

Concluiu-se assim que o mobiliário funerário da Sepultura 1 era composto por sete peças cerâmicas e um recipiente em vidro (Figs. 13 a 20), que se descrevem em detalhe em catálogo anexo ao presente texto (Silva 2011)<sup>6</sup>. Naturalmente, não podemos descartar a possibilidade do espólio incluir objetos menores, como moedas, que porventura se tivessem perdido pelas condições do achado, o que todavia julgamos improvável.

Constituem o conjunto ceramológico quatro pratos, uma taça ou tigela, uma bilha e um jarro. Entre os primeiros incluem-se dois pratos de lume de cerâmica comum (Peças 1 e 2), a que podemos fazer corresponder a designação latina de *patina* ou *patella*<sup>7</sup>. São formas de fundo raso, corpo troncocónico invertido e bordo infletido internamente, estando bem patente a

UE	ESPÓLIO CERÂMICO							ESPÓLIO NÃO CERÂMICO					TOTALS
	Bordos	B./Asa	Asas	Fundos	Panças	Outros	Total	Vidro	Ossos	Lítico	Metal	Total	
Sup. *	23	0	5	9	77	0	114	21	1	12	2	36	<b>150</b>
001	11	0	0	2	76	0	89	16	0	0	0	16	<b>105</b>
003	1	0	0	0	2	2	5	0	0	1	0	1	<b>6</b>
004	0	0	0	0	2	0	2	0	0	1	0	1	<b>3</b>
006	21	0	1	11	106	0	139	6	0	2	1	9	<b>148</b>
TOTALS	56	0	6	22	263	2	349	43	1	16	3	63	<b>412</b>

\* Foram considerados como de superfície todos os materiais descontextualizados recolhidos durante a abertura da vala de obra. A [001] incluiu o espólio superficial recolhido já em fase de intervenção, bem como o resultante das terras saídas da vala previamente.

**Tabela 1.** Espólio arqueológico proveniente da escavação da Sondagem 1 e recolhas na área imediatamente envolvente.

<sup>5</sup> O trabalho de restauro, excelente como é timbre daquela instituição, deve-se a Isabel Marques e a Vítor Hugo C. Torres.

<sup>6</sup> As fotografias das peças são de Manuel Santos (MDDS) e os desenhos de Amélia Marques (MDDS).

<sup>7</sup> A designação latina do vasilhame cerâmico seguiu essencialmente a apontada por J. Gómez Pallarés a partir da coletânea de receitas culinárias atribuída a Marcus Gavius Apicius (Gómez Pallarés 1995), proposta adotada no documento de trabalho inserto no volume *Cerâmica comuna romana d'època Alto-Imperial a la Península Ibérica. Estat de la qüestió* (Aquilué; Roca 1995).

sua utilização doméstica no intenso fumigado externo que apresentam. Se bem que sejam comuns nas necrópoles do Baixo Império, estas formas estão amplamente difundidas em toda a cronologia da ocupação romana, não sendo por isso bons elementos datantes, como acentuam A. Moreira (2004) e outros autores.

O terceiro deste grupo é um prato de louça de mesa (Peça 3), morfologicamente muito similar aos anteriores e de bordo biselado, cuja forma imita o tipo 72t de *Terra sigillata* hispânica tardia, atribuível aos séculos III/IV (Mezquíriz 1985). O último dos pratos seria provavelmente designado como *discus* ou *catinus* e corresponde a um grande prato de aba larga horizontal com uma decoração singela de rosetas impressas inscritas em duplo círculo, contínuo o interior e tracejado e mais largo o externo, motivo que parece replicar-se em cinco pontos dispostos em padrão circular (Peça 4). Trata-se de uma forma de *Terra sigillata* hispânica tardia (forma 74), atribuível aos séculos IV/meados do V (Mezquíriz 1985). Ainda na louça de mesa, a última forma aberta é talvez um *acetabulum* ou *scutella*, isto é, uma pequena taça ou tigela que imita a forma clássica Drag 27 de *Terra sigillata* hispânica tardia, datada entre os séculos III/IV (Peça 5, Idem)<sup>8</sup>.

As formas fechadas reduzem-se a uma bilha e um jarro em louça comum. A bilha, lagoena ou urceus (Peça 6), com uma superfície que exhibe um fino engobe acastanhado, apresenta um corpo ovóide, colo curto estrangulado e gargalo moldurado onde se liga uma asa de fita lançada verticalmente do ombro, em cerâmica comum com fino engobe acastanhado, sendo uma peça com numerosos paralelos nas necrópoles do Norte de Portugal (Moreira 2004:20-21). A encerrar o conjunto cerâmico temos um jarro de cerâmica comum engobada a laranja, peça de bojo oval, colo médio e bordo circular esvasado (Peça 7), representante de um tipo clássico comum, a *lagoena*, designada também por cântara por alguns autores (Lobato 1995), com numerosos

paralelos para a forma (Moreira 2004:18-19). Menos comum a pintura a branco, ainda bem visível, entre a parte média do bojo e o bordo, constituída por linhas curvas e onduladas entre bandas horizontais, observando-se motivo linear mais impreciso na base da asa, que é de secção oval e lançada verticalmente até ao lábio.

A única peça vítrea que integra o mobiliário funerário da Sepultura 1 corresponde a um copo troncocónico de bordo levemente envasado terminando em aresta e fundo côncavo, em vidro verde-azulado, decorado por finas bandas de linhas incisadas horizontais um pouco abaixo do bordo e por cabuchões de vidro azul-escuro, dispostos em conjuntos de três pontos alternados com um pingo, sensivelmente a meia altura do recipiente (Peça 8). Datará este pequeno vaso do século IV ou inícios do V, segundo a maior parte dos autores, e pode incluir-se na forma Isings 106 (Isings 1957), como propuseram Adília e Jorge Alarcão (1965) para formas similares, ou, com maior prudência, Isings 96/106, como sugeriu A. Brito Moreira (1997). A decoração em cabuchões, bastante popular no Baixo Império, parece mais representada na Galiza que no Norte de Portugal, segundo Xusto Rodríguez (2001), autor que analisa em detalhe as diversas variantes destes vasos de beber. O melhor paralelo que registámos no nosso território, no que se refere à decoração em cabuchões azuis, já que a forma é distinta, é o copo proveniente da Torre de Ares (Balsa), estudado por J. Alarcão (1970) e J. Nollen (1994, vi-97, fig. 14), podendo talvez apontar-se semelhanças com um outro copo, este da necrópole alentejana da Silveirona (Alarcão 1978:108, n.º 3), apenas pela similitude da forma, que não da decoração ou da cor do vidro<sup>9</sup>.

## 5. Conclusões

O achado fortuito de uma sepultura, a que se seguiu a escavação do que restava desse contexto, e a localização, já em trabalhos acompanhados

<sup>8</sup> Agradecemos a Teresa Pires de Carvalho a prestimosa colaboração na classificação da sigillata e das imitações das formas deste tipo de cerâmica fina.

<sup>9</sup> Para ilustração destes dois copos veja-se Cruz 2009, p. 42 e 68. Agradecemos a Álvaro Brito Moreira o apoio para a análise tipológica desta peça.

arqueologicamente, de um segundo sepulcro, resultaram na identificação de uma nova necrópole romana no concelho de Arouca, situada junto a um caminho antigo porventura articulado com um eixo de circulação romano de ligação ao rio Douro, a *carraria antiqua*, via de traçado ainda impreciso (Lima 2004).

A necrópole da Bóca traduz-se de momento por duas sepulturas de incineração, em covacho, ambas com mobiliário funerário, constituído por recipientes cerâmicos (quatro pratos, uma tigela, uma bilha e um jarro na Sepultura 1, sendo também observáveis peças porventura similares na Sepultura 2, que não foi escavada) e pelo menos um copo em vidro, recuperado na primeira<sup>10</sup>. Não é possível, sem outros trabalhos de escavação arqueológica, aferir a extensão do cemitério ou o número e diacronia das sepulturas, devendo registar-se no entanto que observações feitas em 2011 durante os desaterros para a construção de uma moradia em terrenos contíguos, poucos metros a Nordeste e a Este das duas sepulturas identificadas, não registou a existência de qualquer outra sepultura ou mesmo

eventual espólio disperso<sup>11</sup>, o que permite supor que o que resta da necrópole possa estender-se porventura para Oeste ou Sul<sup>12</sup>.

A análise do espólio recolhido na Sepultura 1 permite atribuir-lhe uma cronologia entre os finais do século IV e os começos do V, considerando sobretudo o pequeno copo em vidro e o prato de aba larga em *sigillata* hispânica tardia. A confirmar-se datação idêntica para a Sepultura 2 e outras que porventura subsistam no local, estaremos perante um conjunto sepulcral coevo da necrópole de Alvariça (Espiuunca), que lhe fica relativamente próxima, e de outros cemitérios romanos do baixo Paiva (Silva; Ribeiro 2002; Silva 2004). Este núcleo de necrópoles, de tipologia variada mas quase todas de cronologia tardia (séculos IV-V) e algumas já de aparente influência cristã, documenta a intensidade do povoamento nesta região entre os finais do Império Romano e o estabelecimento de novas estruturas político-sociais na sequência das invasões do século V.

## 6. Bibliografia

- Abreu, J. M. F. (2002) - *Necrópoles romanas do território português*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Universidade do Porto, Faculdade de Letras. Texto policopiado
- Alarcão, J. (1970) - “Vidros romanos de Balsa”. *O Arqueólogo Português*. 3ª Série. 4. Lisboa, p. 237-72
- Alarcão, J. (1978) - “Vidros romanos do Alentejo no Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa)”. *Conimbriga*. 17. Coimbra, p. 101-12

<sup>10</sup> Este espólio encontra-se presentemente em depósito no Centro de Arqueologia de Arouca e exposto temporariamente no Centro de Interpretação Geológica de Canelas (Silva 2011).

<sup>11</sup> Foram apenas identificados, em depósitos de aterro superficial, um fragmento de uma mó de vaivém e outro de uma mó circular, elementos que podem indiciar outras ocupações antigas nas proximidades mas que certamente nada terão a ver com a necrópole romana.

<sup>12</sup> Mais uma vez fomos alertados para esta obra por M. V. Figueiredo, cuja atenção e interesse têm sido determinantes na identificação e salvamento de diversos vestígios arqueológicos no Nordeste arouquense. Com a prestimosa colaboração do presidente da Junta de Freguesia de Canelas, Sr. Joaquim Moreira, do proprietário do terreno intervencionado, Sr. Tiago Mendes Cardoso e da Câmara Municipal de Arouca (cedência de uma máquina escavadora), apoios que muito se agradecem, foi possível agendar os desaterros da obra para uma data em que um de nós (P. Lemos) pudesse fazer uma inspeção sumária à área, o que permitiu garantir que a construção não destruiu quaisquer sepulturas ou outros vestígios arqueológicos.

- Alarcão, J.; Alarcão, A. (1965) - *Vidros romanos de Conimbriga*. S.l.: Museu Monográfico de Conimbriga
- Aquilué, X.; Roca, M., coord. (1995) - *Cerâmica comuna romana d'època Alto-Imperial a la Península Ibérica. Estat de la qüestió*. S. l.: Museu d'Arqueologia de Catalunya-Empúries, s. d. [DL 1995] [Monografies Emporitanes, 8]
- Cruz, M. (2009) - *Vita vitri. O vidro antigo em Portugal*. S.l. S.e.
- Delgado, M. (1994) - "Notícia sobre cerâmicas de engobe vermelho não vitrificável encontradas em Braga". *Cadernos de Arqueologia*. Série 2. 10-11 (1993-1994). Braga, p. 113-49
- Dias, L.A.T. (1994) - "Necrópoles no territorium de Tongobriga". *Conimbriga*. 32-33 (1993-1994). Coimbra, 107-36
- Gómez Pallarés, J. (1995) - "Instrumenta Coquorum. Els estris de la cuina en Apici (amb testimonis, des de Plaute a Isidor de Sevilla)". In Aquilué, Xavier; Roca, Mercè (coord.) - *Cerâmica comuna romana d'època Alto-Imperial a la Península Ibérica. Estat de la qüestió*. S. l.: Museu d'Arqueologia de Catalunya-Empúries, 1995, p. 25-36
- Isings, C. (1957) - *Roman glass from dated finds*. Groningen/Djakarta: J. B. Wolters
- Lima, A.M. C. (2004) - "Arouca medieval: uma abordagem arqueológica". In Silva, A. M. (coord.) - *Memórias da Terra. Património Arqueológico do Concelho de Arouca*. Arouca: Câmara Municipal, p. 306-35
- Lobato, M.J.F. (1995) - A necrópole romana de Gulpilhares (Vila Nova de Gaia). *Portugalia*. Nova Série. 16. Porto, p. 31-72
- Mezquíz Catalán, M. A. (1985) - "Terra Sigillata Hispânica". In Atlante delle forme ceramiche. II. Cerámica Fina Romana nel Bacino Mediterraneo (Tardo Ellenismo e Primo Impero). *Enciclopèdia dell'Arte Antica Classica e Orientale*. Roma: Istituto dell'Enciclopedia Italiana, p. 97-174
- Moreira, A.B. (1997) - "Vidros romanos do Noroeste português. Estudos monográficos de Tongobriga e Alvarelhos". *Santo Tirso Arqueológico*. 2ª Série. 1. Santo Tirso, p. 13-82
- Moreira, A.B. (2004) - "A necrópole romana da Quinta das Devesas, Santo Tirso". *Santo Tirso Arqueológico*. 2ª Série. 4. Santo Tirso, p. 7-54
- Nolen, Jeannette U. Smit (1994) - *Cerâmicas e vidros de Torre de Ares*. Balsa... S.l. [Lisboa]: IPM/Museu Nacional de Arqueologia
- Silva, A.M.S.P. (coord. e textos) (2004) - *Memórias da Terra. Património Arqueológico do Concelho de Arouca*. Arouca: Câmara Municipal
- Silva, A.M.S.P. (2011) - *Necrópole romana da Bóca. Canelas, Arouca. Objectos do quotidiano de um cemitério com 1500 anos*. Arouca: CIGC. Desdob.
- Silva, A.M.S.P.; Ribeiro, M.C.S. (2002) - "A necrópole tardo-romana de Alvariça (Espiumca, Arouca): algumas notas para uma revisão crítica". In *Actas do 1º Congresso da Diocese do Porto. Tempos e Lugares de Memória*. Vol. I. Porto/Arouca, p. 523-42
- Silva, A.M.S.P. et al. (2010) - *Necrópole romana da Bóca (Canelas, Arouca). Intervenção arqueológica de emergência*. Relatório final. Arouca: Centro de Arqueologia de Arouca. Texto dactilografado.
- Xusto Rodríguez, M. (2001) - *O vidro provincial galaicorromano*. Vigo: Universidade de Vigo.

## 8. Catálogo

Nº Inventário: CAA/BCA/05/SEP1/1

Material/Objeto: Cerâmica. Prato de lume.

Medidas: Ø boca 18; Ø fundo 13,8; alt. média 5cm.

Conservação: Restaurado (MDDS-Braga)

Descrição/paralelos: Forma de fundo raso, corpo troncocónico invertido e bordo infletido internamente, estando bem patente a sua utilização doméstica no intenso fumigado externo que apresenta.

Se bem que seja comum nas necrópoles do Baixo Império, esta forma está amplamente difundida em toda a cronologia da ocupação romana, não sendo por isso bom elemento datante, como acentuam A. B. Moreira (2004) e outros autores.

Contexto: Sepultura 1 [006]

Datação: Séc. IV

Bibliografia: Moreira 2004; Silva *et al.* 2010; Silva 2011.



Nº Inventário: CAA/BCA/05/SEP1/2

Material/Objeto: Cerâmica. Prato de lume.

Medidas: Ø boca 14; Ø fundo 9,2; alt. 4cm

Conservação: Restaurado (MDDS-Braga)

Descrição/paralelos: Forma de fundo raso, corpo troncocónico invertido e bordo infletido internamente, estando bem patente a sua utilização doméstica no intenso fumigado externo que apresenta. Se bem que seja comum nas necrópoles do Baixo Império, esta forma está amplamente difundida em toda a cronologia da ocupação romana, não sendo por isso bom elemento datante, como acentuam A. B. Moreira (2004) e outros autores.

Contexto: Sepultura 1 [006]

Datação: Séc. IV

Bibliografia: Moreira 2004; Silva *et al.* 2010; Silva 2011.



Nº Inventário: CAA/BCA/05/SEP1/3

Material/Objeto: Cerâmica. Prato

Medidas: Ø boca 12; Ø fundo 6; alt. 3,5cm

Conservação: Restaurado (MDDS-Braga)

Descrição/paralelos: Prato de fundo raso, corpo troncocónico invertido e bordo biselado. Poderá corresponder às produções de “de engobe vermelho não vitrificável” (Delgado 1994), classificação que requer verificação.

Contexto: Sepultura 1 [006]

Datação: Séc. IV

Bibliografia: Delgado 1994; Silva *et al.* 2010; Silva 2011.



Nº Inventário: CAA/BCA/05/SEP1/4

Material/Objeto: Cerâmica. Prato

Medidas: Ø boca 34; Ø fundo 16,4; alt. 4,2cm

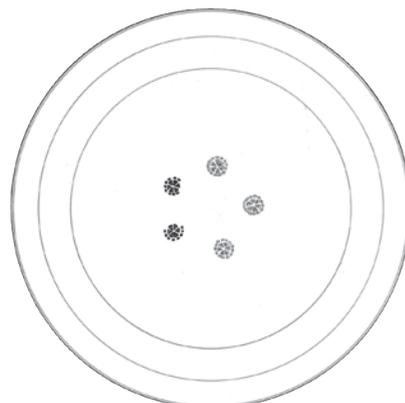
Conservação: Restaurado (MDDS-Braga)

Descrição/paralelos: Grande prato de aba larga horizontal, com uma decoração singela constituída por rosetas impressas inscritas em duplo círculo, contínuo o interior e tracejado e mais largo o externo, motivo que parece replicar-se em cinco pontos dispostos em padrão circular; trata-se certamente de uma *sigillata* hispânica tardia, se bem que não tenhamos ainda identificado paralelos claros para esta associação forma/decoração.

Contexto: Sepultura 1 [006]

Datação: Sécs. IV/V

Bibliografia: Silva *et al.* 2010; Silva 2011.



Nº Inventário: CAA/BCA/05/SEP1/5

Material/Objeto: Cerâmica. Taça/tigela

Medidas: Ø boca 13,2; Ø fundo 5; alt. 5,6cm

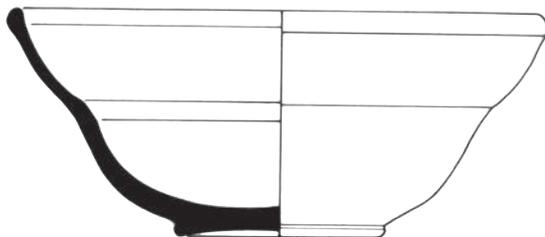
Conservação: Restaurado (MDDS-Braga)

Descrição/paralelos: Pequena taça ou tigela, imitando a forma clássica Drag. 27.

Contexto: Sepultura 1 [006]

Datação: Séc. IV

Bibliografia: Silva et al. 2010; Silva 2011.



Nº Inventário: CAA/BCA/05/SEP1/6

Material/Objeto: Cerâmica. Bilha

Medidas: Ø boca (não conserv.) c. 3; Ø fundo 9,4; alt. máx. conserv. 23,8cm

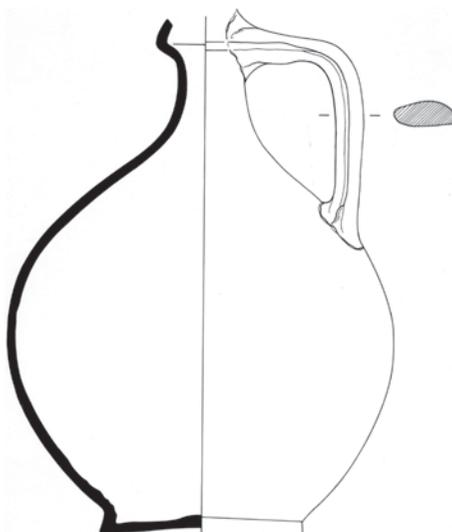
Conservação: Restaurado (MDDS-Braga)

Descrição/paralelos: Bilha de corpo ovóide, colo curto estrangulado e gargalo moldurado onde se liga uma asa de fita lançada verticalmente do ombro, em cerâmica comum com fino engobe acastanhado. Peça com numerosos paralelos nas necrópoles do Norte de Portugal (Moreira 2004:20-21).

Contexto: Sepultura 1 [006]

Datação: Séc. IV

Bibliografia: Moreira 2004; Silva et al. 2010; Silva 2011.



Nº Inventário: CAA/BCA/05/SEP1/7

Material/Objeto: Cerâmica. Jarro

Medidas: Ø boca 7; Ø fundo 5,4; alt. média 20,3cm

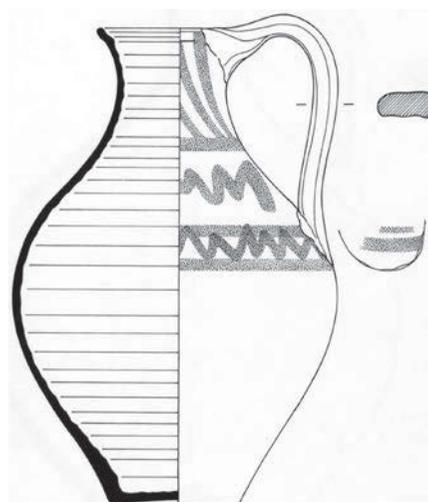
Conservação: Restaurado (MDDS-Braga)

Descrição/paralelos: Jarro de bojo oval, colo médio e bordo circular esvasado, representante de um tipo clássico comum, a *lagoena*, designada também por cântara por alguns autores (Lobato 1995), com numerosos paralelos para a forma (Moreira 2004:18-9), mas sendo menos comum a pintura a branco, que forma, ainda bem visível, uma banda de linhas oblíquas delimitada inferiormente por uma horizontal no colo da vasilha, observando-se no ombro restos de outra linha, ondulada, e motivo linear mais impreciso no bojo médio e base da asa, que é de secção oval e lançada verticalmente até ao lábio.

Contexto: Sepultura 1 [006]

Datação: Séc. IV

Bibliografia: Lobato 1995; Moreira 2004; Silva *et al.* 2010; Silva 2011.



Nº Inventário: CAA/BCA/05/SEP1/8

Material/Objeto: Vidro. Copo

Medidas: Ø boca 12cm; alt. média 8,8cm; Ø fundo c. 3cm

Conservação: Restaurado (MDDS-Braga)

Descrição/paralelos: Copo troncónico de bordo levemente esvasado e terminado em aresta, em vidro verde, decorado por finas bandas de linhas incisas horizontais um pouco abaixo do bordo e por cabuchões de vidro verde-escuro, dispostos em conjuntos de três pontos, sensivelmente a meia altura do recipiente. Pode incluir-se na forma Isings 106, como propuseram A. e J. Alarcão (1965) para formas similares, ou, com maior prudência, Isings 96/106, como sugeriu A. Brito Moreira (1997). A decoração em cabuchões, bastante popular no Baixo Império parece mais representada na Galiza que no Norte de Portugal, segundo Xusto Rodríguez, autor que analisa em detalhe as diversas variantes destes vasos de beber (2001). O melhor paralelo que registámos no nosso território, no que se refere apenas à decoração em cabuchões, já que a forma é distinta, é o copo proveniente de Torre de Ares

(Balsa), estudado por J. Alarcão (1970) e J. Nollen (1994, vi-97, fig. 14); podendo talvez apontar-se semelhanças com um outro copo, este da necrópole alentejana da Silveirona I (Alarcão 1978:108, nº 3) apenas pela similitude da forma, que não da decoração ou da cor do vidro.

Contexto: Sepultura 1 [006]

Datação: Finais séc. IV/inícios V

Bibliografia: Alarcão; Alarcão 1965; Alarcão 1978; Moreira 1997; Nolen 1994; Silva et al. 2010; Silva 2011; Xusto Rodríguez 2001

